



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos  
(Organizadores)

# Notas sobre Literatura e Linguagem



Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos  
(Organizadores)

# Notas sobre Literatura e Linguagem

2019 by Atena Editora  
Copyright © Atena Editora  
Copyright do Texto © 2019 Os Autores  
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora  
Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira  
Diagramação: Karine de Lima  
Edição de Arte: Lorena Prestes  
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Faria – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

<b>Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)</b>	
N899	Notas sobre literatura e linguagem [recurso eletrônico] / Organizadores Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.  Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-860-1 DOI 10.22533/at.ed.601192312  1. Linguagem e línguas – Pesquisa – Brasil. 2. Literatura. I. Vasconcelos, Adaylson Wagner Sousa de. II. Vasconcelos, Thamires Nayara Sousa de.  CDD 401
<b>Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422</b>	

Atena Editora  
Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
contato@atenaeditora.com.br



## APRESENTAÇÃO

Notas sobre Literatura e Linguagem, coletânea de quatorze capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, corresponde a obra que discute temáticas que circundam a grande área das Letras.

As contribuições expostas no presente volume congregam majoritariamente textos que se relacionam nos universos da literatura e da linguagem. Diferentemente do conceito de literatura como arte e ciência, a último capítulo traz revisão da literatura sobre o tema do aprisionamento de familiar. Essa conceituação, revisão de literatura, diz respeito ao buscar, ao identificar contribuições anteriormente formuladas sobre tema específico que será tratado pelo autor.

Feito esse parênteses, apresentamos aos leitores da obra que se segue os principais eixos de discussão que aqui estão trazidos. Inicialmente, contemplando a própria nomenclatura da coletânea, há a exposição de capítulos que tratam de literatura. Sendo assim, temos a priori análise a respeito da crítica literária brasileira. Posteriormente, textos que estabelecem relação de temáticas específicas com obras literárias. Desse modo, termos como africanidade, cronotopo, romance, identidade, gênero, sexualidade, sociedade contemporânea, humanização, erotização, ficção, reportagem, crenças, superstições, epos, nação e concepções pedagógicas encontram espaço nos estudos apresentados.

Partindo para a etapa da linguagem, é possível verificar séries, ensino de língua, entretextos, leitura, enunciação, dialogismo, subjetividade, ortoépia e prosódia como palavras-chave de estudo.

Há ainda a intervenção que aborda a revisão de literatura sobre o tema de aprisionamento de familiar a partir de estudos nacionais e internacionais, como mecanismo de demonstrar a relevância e urgência na discussão do tema.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos  
Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
CAMINHOS PARA PENSAR A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA	
Daynara Lorena Aragão Côrtes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923121</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>13</b>
AFRICANIDADE EM ALDA LARA	
Analice de Lima Aquino	
Raissa Ferreira da Silva	
Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923122</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>21</b>
DIÁRIO DO HOSPÍCIO DE LIMA BARRETO: CRONOTOPO E ROMANCE	
Michele Muliterno	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923123</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>32</b>
“TRIUNFO DOS PELOS”: UMA REFLEXÃO SOBRE IDENTIDADE, GÊNERO E SEXUALIDADE NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA	
Juliane Della Mía	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923124</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>41</b>
HUMANIZAÇÃO E EROTIZAÇÃO DO VAMPIRO NA LITERATURA CONTEMPORÂNEA	
Natane Emanuelle Rangel	
Luís Francisco Fianco Dias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923125</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>51</b>
FICÇÃO E REPORTAGEM EM CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA	
Fábio Luis Rockenbach	
Márcia Helena Saldanha Barbosa	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923126</b>	
<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>61</b>
VIVER E ACREDITAR: CRENÇAS E SUPERSTIÇÕES DO SERTÃO NORDESTINO	
Liliane Viana da Silva	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923127</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>69</b>
JESUS CRISTO NO EPOS DA NAÇÃO	
Ellen dos Santos Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923128</b>	

<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>82</b>
LITERATURA E CONCEPÇÕES PEDAGÓGICAS: DO CBC (CONTEÚDOS BÁSICOS COMUNS À BNCC (BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR))	
<a href="#">Simone Maria de Oliveira Coelho e Sales</a> <a href="#">Lucas Leal Teixeira</a> <a href="#">Juliana de Almeida Pereira e Santos</a> <a href="#">Noemi Campos Freitas Vieira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.6011923129</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>92</b>
SÉRIES E O ENSINO DE LÍNGUAS: PRÁTICAS MULTIDISCIPLINARES	
<a href="#">Fiama Aparecida Vanz</a> <a href="#">Thaís Nicolini de Mello</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60119231210</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>102</b>
ENTRETEXTOS: A LEITURA RE-SIGNIFICADA	
<a href="#">Edna Tarabori Calobrezi</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60119231211</b>	
<b>CAPÍTULO 12</b> .....	<b>112</b>
ENUNCIÇÃO, DIALOGISMO E SUBJETIVIDADE: A VIDA PULSANDO E AS VOZES EM CONFRONTO NA ARENA DISCURSIVA	
<a href="#">Roberta Costella</a> <a href="#">Gabriela Schmitt Prym Martins</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60119231212</b>	
<b>CAPÍTULO 13</b> .....	<b>124</b>
ORTOÉPIA E PROSÓDIA: UM ESTUDO DESCRITIVO	
<a href="#">Adílio Junior de Souza</a> <a href="#">Maria Lidiane de Sousa Pereira</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60119231213</b>	
<b>CAPÍTULO 14</b> .....	<b>138</b>
REPERCUSSÕES E ENFRENTAMENTOS DO APRISIONAMENTO DE FAMILIAR: REVISÃO NARRATIVA DA LITERATURA NACIONAL E INTERNACIONAL	
<a href="#">Maria das Graças de Mendonça Silva Calicchio</a> <a href="#">Reni Barsaglini</a>	
<b>DOI 10.22533/at.ed.60119231214</b>	
<b>SOBRE OS ORGANIZADORES</b> .....	<b>150</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>152</b>

## CAMINHOS PARA PENSAR A CRÍTICA LITERÁRIA BRASILEIRA

**Daynara Lorena Aragão Côrtes**

Universidade Federal de Sergipe – Programa de  
Pós-Graduação em Letras  
São Cristóvão – Sergipe

### WAYS TO THINK ABOUT THE BRAZILIAN LITERARY CRITIC

**RESUMO:** O presente trabalho se debruça sobre reflexões já realizadas acerca da possibilidade ou da real autonomia da literatura brasileira a partir das contribuições da crítica. Temos como objetivo central discutir os percursos traçados através de uma junção de textos que marcaram o século XX. Como recurso teórico-metodológico, dividimos os levantamentos em duas partes: primeiro a conversação entre críticos literários de diferentes vertentes, suas aproximações e seus distanciamentos, e segundo o destino da produção como um espaço de conquista. Nesse sentido, Antonio Candido e Silviano Santiago foram fecundos no tocante ao aporte que subsidiou o debate no âmbito nacional. Partindo para o internacional, temos Terry Eagleton, Jacques Derrida e Linda Hutcheon. Como afunilamento dos caminhos percorridos, fizemos uso dos escritos de Gayatri Spivak e Djamila Ribeiro.

**PALAVRAS-CHAVE:** Crítica Literária; Dependência Cultural; Brasil.

**ABSTRACT:** The current work is based on reflections already made about the possibility or the real autonomy of Brazilian literature from the contributions of the critic. Our central purpose is to discuss to discuss the traced routes through a collection of texts that stood out in the 19th century. As a theoretical-methodological resource, we divided the subject into two parts: first the conversation between critics of literature from different points of view, their approach and their variation, and second the destination of the production as a space of achievement. In that way, Antonio Candido and Silviano Santiago were successful giving contributions that subsidized the debate at the national level. Leading to the international level, we have Terry Eagleton, Jacques Derrida and Linda Hutcheon. As a bottleneck of the paths covered, we made use of the written by Gayatri Spivak and Djamila Ribeiro.

**KEYWORDS:** Literary criticism; Cultural dependence; Brazil.

## 1 | INTRODUÇÃO

Pensar a crítica literária na atualidade nos parece uma tarefa desafiadora, tendo em vista que nos últimos anos a proliferação de espaços discursivos tem se diversificado por quase todos os canais de comunicação alternativos possíveis. O que no século XX havia um direcionamento de redes já consolidadas, lê-se os jornais de circulação nacional pertencente às grandes empresas (O Cruzeiro, Folha de São Paulo, Jornal do Brasil, entre outros), ainda predominante no Sudeste, e as revistas dos grandes centros acadêmicos, nos dias atuais além da perda significativa das colunas, temos uma abrangência notável da quantidade de pessoas que escrevem na área.

A descentralização de reconhecidas universidades como grandes referências no contexto intelectual de desenvolvimento científico e de publicação acabou contribuindo no aprofundamento desse processo. O que antes se concentrava, sobretudo, na Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), existe na atualidade um forte incentivo ao desenvolvimento de pesquisas em torno dos interiores do país.

Como a virada dos séculos, do XX ao XXI, assistiu o advento da internet e a propagação nas regiões de forma horizontal, alguns reflexos acabaram por surgir, fazendo do Nordeste um propagador da crítica literária de forma singular, mas muitas vezes isolada. A dinâmica se deu de forma diferente, dado as condições concretas de circulação de textos e a própria construção de espaços alternativos de discussão literária.

José Luís Jobim (2012) discorre acerca das transformações surgidas após o período de agitação brasileira do século XX, afirmando a intrínseca relação entre o funcionamento da sociedade e o trabalho realizado pela crítica. A institucionalização do discurso é um fator que determina a existência ou não da visibilidade obtida. Portanto, além das instituições ligadas ao setor da comunicação, as redes educacionais também são responsáveis pelo trato oferecido a esse campo artístico de uso da linguagem, à própria literatura.

Mesmo diante de uma rede de autorizações que a crítica literária ainda se vê submetida, ainda com a expansão das ferramentas alternativas pela expansão dos *websites*, o papel de quem a faz está condensado na promoção do debate, ou seja, ele ou ela é um “ator importante na cultura brasileira” (JOBIM, 2012, p. 150) e, como tal, mantém o compromisso social com a divulgação e o incentivo ao exercício da leitura. Diante disso, como entender as fontes e influências da formação da crítica literária brasileira nos dias atuais? Enredado nessa pergunta, desenvolvemos algumas reflexões que serão de importante contribuição para perceber a escolha como caminho da interpretação e da identificação de quem realiza o exercício crítico.

## 2 | OS VIESES DA CRÍTICA LITERÁRIA: HIBRIDISMOS

Para tratarmos das vertentes de crítica literária desenvolvidas no Brasil, é preciso considerar as particulares, influências e avanços conquistados a partir dos desacertos teóricos. Muito mais que campos de análise distintos, os vieses de crítica focam em um ponto central, o texto literário, fonte de grandes reflexões, aprendizados e questionamentos. Se no cenário brasileiro do século XX, a crítica literária nos trouxe um embate discursivo que ora considera a literatura como forma dependente da sociedade ora a visualiza pela ótica da fruição e da autonomia do escritor e objeto artístico, se torna de importante abordagem introdutória a explanação dos métodos utilizados.

Na vertente marxista, a disputa de classe traduz a história da humanidade, seja antes da organização de produção capitalista do mundo moderno, seja mesmo depois da sua expansão. Já para o campo das pós-discussões, precisamente para a vertente do pós-colonialismo, referencia-se Edward Said (1995), não existe a determinação dos fatos pela ordem somente de classe.

Vamos começar admitindo a noção de que, mesmo existindo um núcleo subjetivo irreduzível na experiência humana, essa experiência também é histórica e secular, acessível à análise e à interpretação, e – o que é de importância fundamental – não se esgota em teorias totalizantes, não é marcada nem limitada por linhas doutrinárias ou nacionais, não cabe inteiramente em construções analíticas. (SAID, 1995, p. 65).

Além da mudança de perspectiva feita através da substituição de um termo, muda-se o modo como é considerado a produção literária. Pela vertente das pós-discussões, temos o princípio da autonomia, cuja criação é tomada como originalmente nacional, dado que parte do conjunto das experiências adquiridas em formações culturais distintas.

Na trilha da crítica cultural brasileira, essa interdisciplinaridade é vista como um problema para os intelectuais que acreditam na dependência cultural, como nos ensina Antonio Candido. [...] Se a crítica cultural de princípio marxista se preocupava em ressaltar a dependência [...] as análises [pós estruturalistas] valorizavam a autonomia antropofágica do escritor latino-americano (GOMES, 2011, p. 58).

Ainda sobre a categoria 'classe', na perspectiva da crítica marxista, notemos a fundamental importância que ela exerce no método dialético no âmbito da literatura e do contexto social que ela se insere. Esse conceito se baseia na lógica de pensar a atualidade de forma empírica e histórica, tendo como base a concretude do ser e daquilo que o circunda. A arte e, portanto, a literatura, como produto do trabalho humano, está para a sociedade como a sociedade está para ela. Nos vale ir para a fonte que Antonio Candido e Roberto Schwarz bebem: "O objeto de arte – como qualquer outro produto – cria um público capaz de compreender a arte e de fruir a

sua beleza. Portanto, a produção não produz somente um objeto para o sujeito, mas também um sujeito para o objeto” (MARX, 2010, p. 137).

A determinação das condições sociais e de suas formas de organização do trabalho é um fato corrente para criação da própria cultura e das suas relações em sociedade. A arte vê-se submetida ao pré-estabelecido, o que faz Antonio Candido defender a ligação dependente: “Seria o caso de dizer, com ar de paradoxo, que estamos avaliando melhor o vínculo entre a obra e o ambiente, após termos chegado à conclusão de que a análise estética precede considerações de outra ordem” (2006, p. 13).

A interpretação dialética proposta pela corrente dirigida por Candido no Brasil coloca a superestrutura como intrinsecamente submetida pela infraestrutura, ou seja, ligada às formas de divisão de trabalho, assim como da economia. A construção da subjetividade, sendo pensada dessa forma, mantém relação estreita com a materialidade, pois não existe uma ruptura que marque a descontinuidade entre ambos.

Mesmo diante da relação posta, superestrutura e infraestrutura, vemos que outras camadas na base conseguem pela proximidade manter um fluxo amplo de influências. Segundo Engels em sua carta a Starkenburg em 1894, através de citação de Georg Lukács: “O desenvolvimento político, jurídico, filosófico, religioso, literário, artístico etc. baseia-se no desenvolvimento econômico. Mas todos eles reagem também uns sobre os outros e sobre a infraestrutura econômica.” (ENGELS, apud LUKÁCS, 2010, p. 14). Não se trata de uma supervalorização da situação econômica, mas de uma cadeia dependente, cuja divisão acontece por meio dos níveis de organização e estruturação da sociedade.

Voltemos às considerações de Antonio Candido. Ele nos diz que na literatura cada função narrativa, estruturante, terá relação direta com o próprio funcionamento social. Não existe aleatoriedade, quando a obra é tomada como um sistema que mantém elementos e funções bem demarcados. Contrário ao ato fluido artístico, esse campo crítico defende a construção artística, tomada sempre como trabalho.

Os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra. [...] Hoje, sentimos que, ao contrário do que pode parecer à primeira vista, é justamente esta concepção da obra como organismo que permite, no seu estudo, levar em conta e variar o jogo dos fatores que a condicionam e motivam, pois quando é interpretado como elemento de estrutura, cada fatos se torna componente essencial do caso em foco (CANDIDO, 2006, p. 25).

Na esfera internacional, um outro crítico literário, Terry Eagleton (2011), nos explica como o materialismo histórico visualiza a arte em sua dinâmica social e por meio de um projeto novo que pressupõe diferentes formas de socialização. Ele nos diz que a “teoria materialista da História nega que a arte possa, por si só, mudar o curso da história; mas ela insiste que a arte pode ser um elemento ativo em tal mudança.” (2001, p. 25). Eagleton toca na concepção dialética que, antes de tudo, ela “a forma



é produto do conteúdo, mas reage sobre ele em uma relação bilateral.” (2011, p. 44).

A arte e um projeto novo de sociedade caminham juntos, uma vez que existe uma proposta a ser alcançada como via capaz de trazer uma literatura que represente, de fato, uma produção originalmente nacional. O chamado “mal-estar da literatura”, nesse caso, se assemelha a essa proposta de nacionalização de uma literatura própria. Roberto Schwarz nos diz que comportamos “o sentimento da contradição entre a realidade nacional e o prestígio ideológico dos países que nos servem de modelo.” (1987, p. 30).

O caráter imitativo é visto como um esquema de assimilação e reprodução. Nas palavras de Schwarz: “uma pequena elite dedica-se a copiar a cultura do Velho Mundo”, destacando-se assim do gosto do povo, que permanece inculto.” (1987, p. 40). Existe um novo paradigma criado, fazendo desencadear uma série de escalas copistas, sufocando as produções de cunho popular.

Invertido a essa lógica, vemos o campo das pós-discussões, aqui trazido pela voz de Silviano Santiago. Com esse oportuno gancho, não nos atentemos ao crítico em suas múltiplas facetas como contista, romancista e poeta, mas nos ensaios e obras que elaborou críticas, colocando à mostra a posição de enfrentamento assumida por meio de uma abordagem de cunho pós-estruturalista.

Esse expoente, aqui chamado dessa forma por trazer à luz do campo crítico reflexões incomuns, estão para a formação da literatura brasileira, bem como, para a literatura latino-americana. É, segundo esse campo de análise, a dinâmica de compreender a questão do nacionalismo como fundamental diante da construção das identidades, das alteridades e do possível desvencilhamento da ótica europeizante diante das formas de vida e, portanto, de produção. Uma nova abordagem é pretendida através de recortes variáveis de um conjunto: classe, raça, gênero e sexualidade. Diante disso, cabe à função do crítico tocar nessas áreas e conceber como razão própria que o fundamenta.

Em “O entre-lugar do discurso latino-americano”, Santiago nos diz que a nossa produção artística se encontra submetida à gama de fontes e influências. Essas produções podem ser lidas como “tradução global, de pastiche, de paródia, de digressão.” (SANTIAGO, 2000, p. 21).

Em contraste, a importância do discurso literário da América Latina pode ser vista no seguinte excerto:

A maior contribuição da América Latina para a cultura ocidental vem da destruição sistemática dos conceitos de unidade e pureza: estes dois conceitos perdem o contorno exato de seu significado, perdem seu peso esmagador, seu sinal de superioridade cultural, à medida que o trabalho de contaminação dos latino-americanos se afirma, se mostra mais e mais eficaz. (SANTIAGO, 2000, p. 16).

A unidade é posta como forma de poder e, com isso, a supressão das línguas locais aponta a intenção de bloquear qualquer tipo de diversidade. Como mecanismo



de dominação, Santiago discorre: “Evitar o bilinguismo significa evitar o pluralismo religioso e significa também impor o poder colonialista. Na álgebra do conquistador, a unidade é a única medida que conta.” (2000, p. 14).

A assimilação realizada e transformada pelo escritor latino-americano é feita como um ato de rebelar-se. Portanto, ele nunca é ingênuo, mas um ser desconfiado. Em suas palavras: “O artista latino-americano aceita a prisão como forma de comportamento, a transgressão como forma de expressão” (SANTIAGO, 2000, p. 25). Ter noção desses recortes e posicionar-se diante deles significa reconhecer o lugar de importância da produção brasileira e/ou latino-americana, o que para o crítico brasileiro faz parte da politização do discurso.

Segundo as fontes pós-estruturalistas, uma literatura que nasce das trocas e influências consegue ser original na medida em que surge em um novo espaço e, com efeito, mergulha em tudo aquilo que há de convergências e mesmo contrastes. No caso da América Latina e, especificamente, do Brasil, por estar inserido nessa via de mão dupla que é influenciado e influencia, se torna ainda mais coeso, segundo Santiago, propor a análise de uma obra de cunho nacional, sempre em diálogo.

Santiago defende que a nossa literatura carrega uma bagagem de alcances muito mais amplo ao passo em que supera o conceito de unidade e responde à crítica de modo a perceber o espaço político firmado na produção artística. Portanto, reconhecer as fontes não significa diminuir o valor estético ou temático, mas perceber que o passado nos preencheu de valores socioculturais e esses também fazem parte do nosso processo de formação e identificação individual, assim como, coletivo, na atualidade.

Ao concordar com esse roteiro, Gomes defende a “importância da memória cultural como elemento fundamental no processo de leitura e de revisão das identidades sociais” (2011, p. 62). Na estrutura pós-colonial da qual nos vemos inseridos, o diálogo se torna muito mais diversificado e referencial.

São oportunos os seguintes questionamentos: temos uma literatura eminentemente nacional? Se há, como compara-la às produções dos demais países? Se não, como conquistar a independência cultural? Pontualmente, a primeira pergunta é parte fundamental da abordagem de ambas correntes críticas, cuja resposta diferencia tanto na concepção da cultura, quanto no modo de vê-la a partir da sua relação com a sociedade. Ainda nesse quesito, Silviano Santiago alerta que não devemos nos prender às comparações meramente assimétricas. Se assim fizermos, cairemos no erro do desprestígio, pois “reduz a criação dos latino-americanos à condição de obra parasita, uma obra que se nutre sem nunca lhe acrescentar algo de próprio” (SANTIAGO, 2000, p. 18).

Já Antonio Candido (1987) nos diz que temos “influências de vários tipos, boas e más, inevitáveis e desnecessárias.” (p. 151). A dependência se dá pelo fato de não termos construído ainda um cenário de soberania nacional para que, como reprodução da política de dominação, passássemos a parar de imitar e alimentar paradigmas: “As

nossas literaturas latino-americanas [...] são basicamente galhos das metropolitanas. E se afastarmos os melindres do orgulho nacional, veremos que, apesar da autonomia que foram adquirindo em relação a estas, ainda são em parte reflexas” (p. 151).

Nos vale perceber que muitos teóricos e críticos literários brasileiros foram influenciados por produções geridas fora do país. Quando não por fonte direta, acabou dialogando entre escritos, como vemos o exemplo de Antonio Candido e Terry Eagleton trazidos.

Nos atentemos em primeiro plano, pois, ao filósofo argelino Jacques Derrida e as suas considerações inovadoras no âmbito da filosofia que fizeram gerar inquietações ao pensar a produção discursivo-literária. Em sua obra *A escritura e a diferença* (2004), especificamente no capítulo “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, há a iniciação ao conceito dado à estrutura e à proposição de desconstrução dela. Derrida nos chama atenção para o fato da existência de um centro, a própria organização do sistema, e a constante busca do desmembramento dela.

Substituindo o conceito de ‘ser’ e ‘verdade’ pela definição de ‘jogo’ e ‘interpretação de signo’, o filósofo nos orienta para o caminho das manifestações de linguagem, afirmando ser toda ciência um resultado de criações discursivas. O signo em Derrida é um ponto de extrema importância, dado a chegada à unidade de sentido acontece por meio dos princípios que a formam. Além da construção, a desconstrução pode ser parte integrante para compreender o seu significado. Existe um descentramento como pensamento da estrutura.

Com forte diálogo com os estudos desenvolvidos pelo antropólogo Claude Lévi-Strauss, Derrida defende a relativização a partir do conceito de estrutura visto no primeiro nome citado, pois, segundo as suas considerações, a estrutura faz parte da ação e tudo que é ação faz parte da natureza

Com o retorno ao passado a partir do critério do questionamento, há a formatação de nova estrutura que pressupunha a própria desconstrução dela.

A aparição de uma nova estrutura, de um sistema original, faz-se sempre – e é a própria condição da sua especificidade estrutural – através de uma ruptura com o seu passado, a sua origem e a sua causa. Só se pode, portanto descrever a propriedade da organização estrutural não levando em conta, no próprio momento dessa descrição, as suas condições passadas: omitindo colocar o problema da passagem de uma estrutura para outra, colocando entre parênteses a história (DERRIDA, 2004, p. 247).

Nos deslocamos à crítica literária canadense, Linda Hutcheon, cujo retorno ao passado de forma crítica e questionadora acerca da criação e legitimação do discurso é um fato em suas análises. Essa dinâmica do retorno faz surgir uma categoria nomeada por ela de ‘metaficção historiográfica’. Essa categoria “sugere isso de forma autoconsciente, mas depois o utiliza para ressaltar a natureza discursiva de todas referências – literárias e historiográficas. O referente é sempre já inserido nos discursos de nossa cultura” (HUTCHEON, 1991, p. 158).

Hutcheon afirma ser esse um campo de análise ainda cheio de contradições e em construção. O que nos interessa acerca da influência que ela exerce no debate da literatura brasileira se dá justamente no caráter de revisão do passado, o qual faz com que a problematização acerca da legitimação do discurso seja feita. Isso acontece porque os discursos oficiais, o histórico presente nos livros didáticos e em outros materiais de cunho institucional, apresentem versão homogeneizante, poucas vezes reveladores do ponto de vista da importância às singularidades.

A principal reflexão levantada depois de inseridas as contribuições em âmbito nacional e internacional a respeito da dependência cultural e das imanências do texto se dá pela concessão ou pela aquisição dos espaços conquistados e de quem faz uso deles. Seja por questões de ordem experienciais ou de apreço em particular pela temática em análise, as vozes ouvidas e visibilizadas causam ou deveriam causar desconfiança, uma vez que isso pressupõe o silenciamento de outras vozes.

Conforme nos adverte Michel Foucault (1996) não há um discurso raso no sentido de esvaziamento conteudístico e ideológico. Contrário a isso, existe uma ordem que apresenta contingências históricas e sistema de instituições.

Ora, se determinada fala recebe maior notoriedade por figuras e canais de comunicação, significa dizer que o apoio institucional, dirigido pelos poderes que dele fazem uso, acabam por legitimar posições. Podemos ver tal afirmação na formação do cânone da literatura nacional.

Se as relações de poder acabam por mediar os espaços e as autorizações que circulam neles, o discurso ainda faz parte do uso de controle. Por sua vez, isso gera a exclusão. Reescrevendo as proposições do crítico francês, há a criação de sistemas de exclusão, cujo principal exercício é a segregação a partir de uma base institucional com roupagem autoritária e despótica.

Em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, sabemos, no entanto, que na sua distribuição, naquilo que permite e naquilo que impede, ela segue as linhas que são marcadas pelas distâncias, pelas oposições e pelas lutas sociais [...] Os discursos devem ser tratados como práticas descontínuas de possibilidade que se cruzam, que às vezes se justapõem, mas que também se ignoram ou se excluem. (FOUCAULT, 1996, p. 43-52).

Sem determinar um caminho exato para analisar as formações discursivas, pois elas não são uniformes, nem mesmo nascem de um mesmo princípio, o crítico nos direciona a desfazer-se do universalismo. Devemos, no entanto, localizar o discurso em seu acontecimento e mesmo como foram as condições que propiciaram seu exercício.

O conceito do interdito em Foucault concentra nos modos de como o discurso ainda sofre retaliações vindos das estruturas de poder, cuja expansão temática será reduzida, colocando determinados temas para o campo da estigmatização. Exemplo citado é a sexualidade.

Mas como pensar a atualidade das proposições de Foucault na produção

literária? Ainda vale uma segunda indagação: se o discurso é poder, quem o possui? A reunião do pensamento de Gayatri Spivak e Djamilia Ribeiro, mesmo com alguns distanciamentos pontuais, se fazem fundamentais para desdobrar melhor as questões postas. Para a primeira, as relações de poder pressupõem ou advém da disputa de classes. Essa defesa faz com que o alimento das segregações aconteça por intermédio da organização econômica e forma política imbricada nela.

A voz subalternizada não encontra espaço, fazendo com que haja um apagamento da sua expressão. É a retirada da voz um fato mutilador, uma vez que, o discurso é sempre uma verdade a ser construída, apresentada e é ao mesmo tempo produto de si. Retomando poeticamente as palavras do crítico francês: “o discurso nada mais é do que a reverberação de uma verdade nascendo diante de seus próprios olhos” (FOUCAULT, 1996, p. 49).

Spivak revela ser o sujeito subalterno o silenciado. Articulando a sua defesa, ela explica que a experiência concreta do indivíduo e a esse controle do que pode ser dito ou do que é dito está inteiramente ligada ao déficit de uma juntura bem organizada contra hegemônica. Como papel de suma importância da crítica, a subversão do discurso ou o enfrentamento dessas relações de poder pré-estabelecidas deve estar como um frequente nos trabalhos e na atuação.

A introdutora do livro da estudiosa indiana, Sandra Regina Almeida, afirma ser na oposição crítica que o surgimento de espaços que possibilitem escutas acontecerá. Como solução do sufocamento dessas vozes, lê-se o enfoque dado às vozes de mulheres, é preciso romper essas barreiras criando novos lugares discursivos.

Essa exclusão da necessidade do déficit tarefa de realizar uma produção ideológica contra hegemônica não tem sido salutar. Acabou por auxiliar o empirismo positivista – o princípio justificável de um neocolonialismo capitalista avançado – a definir sua própria arena como a da “experiência concreta”, “o que realmente acontece”. (SPIVAK, 2010, p. 30).

Como a crítica pós-colonial se volta para o questionamento dos motivos levados ao sufocamento e à estigmatização dos sujeitos historicamente relegados, pensar a autoria na literatura é oportuno, dado que a segregação discursiva importa pelas relações de poder refletidas também no espaço artístico. Nesse sentido, Djamilia Ribeiro interliga o trabalho intelectual ao fazer político. Ambos caminham juntos, pois a sua finalidade explica o que há de principal na realização desse trabalho: a descolonização do pensamento.

A intersecção dessa abordagem, através de eixos complementares de classe, raça, gênero e sexualidade, abre espaço reconhecido de lugares particulares. Portanto, como o centro da discussão está no questionamento das produções literárias, de quem fala nessa esfera de trabalho artístico com a linguagem, compreendemos como as lacunas de mulheres escritoras na historiografia literária brasileira, entende-se a partir do parâmetro canônico alimentado pela crítica tradicional, exemplifica ainda o

lugar subalternizado destinado à categoria. Diante disso, se fizermos um recorte, por exemplo, da autoria feminina negra, esse quadro é ainda mais escasso.

Com a defesa apresentada por Ribeiro, o retorno à análise crítica desse fato aconteceu através da construção dos lugares de resistência. Em seus primeiros momentos com o protagonismo das mulheres brancas operárias de países situados na Europa e dos EUA, posterior a isso, com as mulheres dos movimentos negros, fazendo emergir o feminismo afrolatinoamericano. É reconhecida a “necessidade de auto definição é uma estratégia importante de enfrentamento a essa visão colonial” (RIBEIRO, 2017, p. 75).

Djamila Ribeiro revela ser através das forçosas interrupções e ações de enfrentamento que os sujeitos subalternos vêm conquistando espaços. A ruptura, mesmo que em escalas pequenas diante do pretendido, tem fomentado reflexões de cunho social, cujo principal foco concentra a proposta de desconstrução de paradigmas fomentado por anos por políticas de pensamento e ação colonialista.

### 3 | CONCLUSÃO

Por fim, sabemos que para tratar de literatura, estamos tocando necessariamente no “sistema literário”, cujo mentor do termo, Antonio Candido, se refere ao conjunto que forma escritor, obra e leitor. Um ponto de convergência entre as perspectivas é encontrado: a preocupação do acesso à arte. A linha dos estudos marxistas, bem como, das pós-discussões e especificamente do pós-estruturalismo, aqui ressaltado pela referência do Silviano Santiago, toca nesse ponto, tendo em vista a abrangência que a questão apresenta, concluindo que não adianta falar de uma literatura, seja nacional ou não, se ela não é lida. Diante desse embaraço, esbarramos em um outro problema: o alto índice de analfabetismo no país.

Assim, partindo para uma problemática concreta que encaminha a solução pelo viés político, para além dos nomes trazidos e trabalhados no decorrer do artigo, a reflexão acerca da autonomia ou não da literatura brasileira se torna secundária, quando temos o problema da não leitura dela. Retomando José Luís Jobim (2012): “literatura entre outras coisas, é também uma mercadoria e está relacionada a certas finalidades e práticas institucionais.” (JOBIM, 2012, p. 147).

Como o caráter polissêmico é característica própria da literatura, isso abre espaço para a diversidade de lentes possíveis de enxergar as camadas do texto e as questões que partam dele, fazendo erguer a compreensão particular de quem se debruça. Como alternativa, muitas vezes o próprio objeto de pesquisa já prenuncia a abordagem que melhor condiz com a sua interpretação, dado que o autor também é influenciado por correntes de pensamentos diversas. Na atualidade, isso se afunila a partir do recurso teórico-metodológico que pode ter uma direção específica, fechada em um campo teórico, ou mesmo a partir de um método híbrido, fazendo possível a reunião de diferentes visões.

Se para uma corrente de abordagem temos o aspecto do subdesenvolvimento, haja vista a observação do lugar que parte, discurso periférico em um mundo submetido às disputas política e econômicas, e para a outra corrente temos o caráter anfíbio, ou seja, a marca da adaptação de um discurso produzido sob formas locais, a metodologia volta a ser o ponto chave para compreendermos as motivações de desenvolvimento e identificação das análises. A história da crítica literária no Brasil além de ser retomada por essas duas linhas de pensamentos, vê-se colocada como um terreno fértil no sentido de reunir ou criar novas formas de interpreta-la. O rigor metodológico, portanto, deve ser preocupação daqueles que mantêm interesse em se aprofundar em um campo plural e recheado de redes dialógicas de conhecimento: seja pela dialética social, histórica e política, seja pelo entre-lugar e a politização do discurso que o termo sugere.

Mesmo sob forma de uma postura assumida diante das duas vertentes críticas, nos importa trazer a analogia feita por Christina Ramalho, e a ressignificação de Antoine Compagnon à sentença de Bernard de Chartres do século XII. No artigo “O sujeito cultural híbrido: uma categoria para se repensar a identidade” (2008), ela afirma que as várias correntes não concordam entre elas, mas que, em um certo ângulo, quando aproximadas, elas podem compor uma forma artística própria, chegando próximo, até mesmo, do cubismo.

A junção dos vários retalhos pode trazer uma compreensão muitas vezes somatória do que excludente, o que eleva a qualificação da análise. Já no segundo nome referido, vemos uma atenção maior voltada para a literatura, pois sem ela não existia a própria crítica literária. De tal forma, a frase “Nanus positus super humeros gigantis” – Somos como anões nos ombros de gigantes –, evidencia a importância, em primeira instância, da obra literária.

Pensar o texto literário como um campo de encontros e mesmo de desencontros, neste último pelas abordagens muitas vezes discrepantes diante do que está exposto, nos faz percebê-lo em seu dialogismo. Cada corrente crítica apresenta caminhos distintos, fazendo surgir percepções próprias, mas é certo que a historiografia literária brasileira apresenta uma lacuna no que concerne à presença da autoria de sujeitos historicamente marginalizados. Nenhuma percepção, por maior caráter político que tenha e por maior projeção inclusiva, pode negar o fato de que a literatura ainda é uma área de privilégio, portanto, de contínua conquista.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. Literatura e subdesenvolvimento. In: \_\_\_\_\_. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1987.

CANDIDO, Antonio. Crítica e sociologia. In: \_\_\_\_\_. **Literatura e sociedade**. 9º ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: **Teoria literária: abordagens históricas e**



tendências contemporâneas. Org: Thomas Bonnici, Lúcia Osana Zolin. 3º ed. rev. e ampl. Maringá: Eduem, 2009.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2009.

EAGLETON, Terry. 1943. **Marxismo e crítica literária**. Tradução de Matheus Corrêa. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOMES, Carlos Magno. Estudos culturais e crítica literária. **Revista da Anpoll** – Associação Nacional de Pós-graduação em Letras e Linguísticas. Estudos literários: limites e interseções. Florianópolis. 2011, vol. 1. n. 30. p. 54-68.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria, ficção**. Tradução de Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1991.

JOBIM, José Luís. Crítica literária: questões e perspectivas. **Revista de Literatura Itinerários**. Perspectivas da crítica literária. Araraquara. 2012, v. 1. n. 35. p. 145-157.

LUKÁCS, Georg. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. In: MARX, Karl. 1818-1883. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1º Ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.

MARX, Karl. 1818-1883. **Cultura, arte e literatura: textos escolhidos**. Tradução de José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida. 1º Ed. São Paulo: Expressão popular, 2010.

RAMALHO, Christina. O sujeito cultural híbrido: uma categoria para se repensar a identidade. In: GOMES, Carlos Magno; ENNES, Marcelo Alário (Orgs). **Identidades: teoria e prática**. São Cristóvão: Editora da UFS, 2008, p. 15-25.

RIBEIRO, Djamila. **O que é o espaço de fala?** Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2017.

SANTIAGO, Silvano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: **Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural**. 2º Ed. Rocco: Rio de Janeiro, 2000.

SAID, Edward W. **Cultura e imperialismo**. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: companhia das letras, 1995.

SCHWARZ, Roberto. Nacional por subtração. In: \_\_\_\_\_. **Que horas são?** Ensaios. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SPIVAK, Gayatri Chakravort. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa, André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

## SOBRE OS ORGANIZADORES

**Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos:** Doutor em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Mestre em Letras, área de concentração Literatura e Cultura, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2015). Especialista em Prática Judicante pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB, 2017), em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016), em Direito Civil-Constitucional pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2016) e em Direitos Humanos pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG, 2015). Aperfeiçoamento no Curso de Preparação à Magistratura pela Escola Superior da Magistratura da Paraíba (ESMAPB, 2016). Licenciado em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2013). Bacharel em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2012). Foi Professor Substituto na Universidade Federal da Paraíba, Campus IV – Mamanguape (2016-2017). Atuou no ensino a distância na Universidade Federal da Paraíba (2013-2015), na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2017) e na Universidade Virtual do Estado de São Paulo (2018-2019). Advogado inscrito na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direito canônico, direito constitucional, direito civil, direitos humanos e políticas públicas, direito e cultura), Literatura (religião, cultura, direito e literatura, literatura e direitos humanos, literatura e minorias, meio ambiente, ecocrítica, ecofeminismo, identidade nacional, escritura feminina, leitura feminista, literaturas de língua portuguesa, ensino de literatura), Linguística (gêneros textuais e ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Parecerista ad hoc de revistas científicas nas áreas de Direito e Letras. Organizador de obras coletivas pela Atena Editora. Vinculado a grupos de pesquisa devidamente cadastrados no Diretório de Grupos de Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Orcid: [orcid.org/0000-0002-5472-8879](https://orcid.org/0000-0002-5472-8879). E-mail: <[awsvasconcelos@gmail.com](mailto:awsvasconcelos@gmail.com)>.

**Thamires Nayara Sousa de Vasconcelos:** Mestra em Letras, área de concentração Literatura, Teoria e Crítica, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2019). Licenciada em Letras - Habilitação Português pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB, 2018). Bacharela em Direito pelo Centro Universitário de João Pessoa (UNJPÊ, 2016). É Professora de Literatura no Ensino Fundamental do Colégio Externato Santa Dorotéia, João Pessoa. Advogada inscrita na Ordem dos Advogados do Brasil, Seccional Paraíba (OAB/PB). Desenvolve suas pesquisas acadêmicas nas áreas de Direito (direitos humanos, direitos sociais, direitos das minorias), Literatura (literatura e sociedade, literatura e cultura, literatura e história, estudos pós-coloniais, guerra de independência, literatura portuguesa, literaturas africanas de língua portuguesa), Linguística (ensino de língua portuguesa) e Educação (formação de professores). Vinculada a grupo de pesquisa devidamente cadastrado no Diretório de Grupos de



Pesquisa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).  
Orcid: [orcid.org/0000-0003-1179-999X](https://orcid.org/0000-0003-1179-999X). E-mail: <[thamiresvasconcelos.adv@gmail.com](mailto:thamiresvasconcelos.adv@gmail.com)>.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

Africanidade 13, 14, 15

Alda Lara 13, 14, 15, 17, 19, 20

### B

Base Nacional Comum Curricular 82, 86, 87, 88, 91

### C

Concepções Pedagógicas 82, 89

Crenças 61, 62, 63, 68

Crítica Literária 1, 2, 3, 7, 11, 12

Cronotopo 21, 22, 27, 30

### D

Dialogismo 11, 112, 113, 114, 120, 122, 123

### E

Ensino de Línguas 92, 93

Entretextos 102

Enunciação 72, 112, 114, 115, 116, 123

Epos 69, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79

Erotização 41, 46, 48

### F

Ficção 12, 24, 25, 26, 30, 39, 48, 51, 52, 53, 55, 59

### G

Gênero 5, 9, 17, 21, 28, 30, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 53, 55, 56, 71, 97, 100, 112, 113, 115, 116, 117, 118, 120, 122, 147

### H

Humanização 41, 49

### I

Identidade 11, 12, 32, 33, 34, 36, 38, 39, 40, 70, 73, 75, 76, 101, 143, 148, 150

### L

Lima Barreto 21, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30

Linguagem 2, 7, 9, 13, 17, 21, 29, 32, 41, 51, 53, 61, 62, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 79, 82, 84, 86, 90, 92, 94, 97, 98, 102, 106, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 122, 123, 124, 125, 128, 130, 136, 137, 138, 150

Literatura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 19, 21, 22, 27, 30, 32, 34, 37, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 55, 58, 60, 61, 62, 68, 69, 71, 72, 79, 80, 82, 83, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 97, 102, 103, 106, 107, 108, 110, 112, 124, 137, 138, 139, 140, 141, 150

## **N**

Nação 13, 17, 69, 72, 73, 77, 78, 79

## **O**

Ortoépia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

## **P**

Prosódia 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 136

## **R**

Reportagem 51, 52, 54, 55, 56, 57, 59, 60

Revisão de Literatura 138

Romance 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 46, 48, 51, 54, 59, 68, 85

## **S**

Séries 49, 92, 95, 97, 99, 100, 104

Sertão 61, 62, 65, 67, 68

Sexualidade 5, 8, 9, 32, 33, 34, 35, 37, 38, 39, 40, 43, 46, 47, 48

Sociedade 2, 3, 4, 5, 6, 8, 11, 14, 15, 17, 32, 33, 34, 35, 36, 38, 39, 79, 85, 86, 87, 88, 94, 97, 98, 100, 103, 106, 110, 112, 116, 118, 121, 122, 142, 143, 147, 148, 150

Subjetividade 4, 39, 112, 120, 142, 147

Superstições 61, 62, 64, 65, 66, 67, 68

## **V**

Vampiro 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 50

